

TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N.12

ANO 12
NOVEMBRO.2023
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

“TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO ‘TOPOV’, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Lenilda Soares Estanislau
de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

TESOUREIRA

Maria Edna de Melo Silva

SECRETÁRIA

Izaura Maria Wanderley Brito

**COORDENADORA DA COMISSÃO
DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Nádima Carvalho Olímpio da Silva

**COORDENADOR DA COMISSÃO
DE COMUNICAÇÃO**

Esperidião Barbosa Neto

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

**COMISSÃO CIENTÍFICA
E EDITORIAL**

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo
Heliane de Almeida Lins Leitão
Nidyanne Porfirio da S. Pires

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Estúdio Grão
estudiograo.com

FOTO DE CAPA

Michel Rios



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

R. Dr. Ciridião Durval, 47 - Parque Gonçalves Lêdo, Farol

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

www.gpal.com.br

gpalmaceio@hotmail.com

Instagram: [gpalmaceio](https://www.instagram.com/gpalmaceio)

CORPO E MAL-ESTAR: DA IMAGEM AO SIGNIFICANTE¹

ESPERIDIÃO BARBOSA NETO

Professor da Universidade Federal de Alagoas; mestre e doutor em psicologia clínica (UNICAP); especializado em Filosofia Política, Psicologia Social e Psicopedagogia; graduado em psicologia. Membro do GPAL.

RESUMO

O corpo-imagem tem sido objeto de interesse público e científico, considerando-se cada época e, principalmente, a saúde e sociedade de consumo do nosso tempo. No entanto, ele permanece não elucidado; seu mal-estar é, ao mesmo tempo, o do sujeito. Para a psicanálise, o corpo sempre esteve em questão, sobretudo o corpo-significante. Diante da excitação externa que incide diretamente no corpo, gerando adoecimento, a fala é recurso possível à ligação dos afetos a alguma forma de representação. Este artigo objetiva apresentar o corpo como tecido a partir de realidades

sócio-histórico-cultural, considerando-o no contexto do mal-estar humano, propondo-se alguma forma de sua reelaboração. Serão abordadas as questões: Construção histórica, cultural e social do corpo e a psicanálise; Mal-estar humano e Corpo-significante. Por fim, a questão: “de quem é o corpo?”.

Palavras-chave:
corpo; mal-estar;
corpo-significante.

¹ Trabalho apresentado na 13ª Jornada de Psicanálise do GPAL, em 18/11/2022, então intitulado *Corpo e mal-estar no nosso tempo*.

ABSTRACT

The body-image has been the object of public and scientific interest, considering every epoch and, above all, the health and consumer society of our time. Nevertheless, it remains unclear; its malaise is, at the same time, the one of the subject. For psychoanalysis, the body has always been in question, mainly the body-signifier. In the face of external excitation that directly affects the body, causing illness, speech is a possible resource for linking affections to some form of representation. This article aims to present the body as woven from socio-historical and cultural realities, considering it in the context of human malaise, proposing some form of its re-elaboration. The following questions will be approached: historical, cultural and social construction of the body and psychoanalysis; Human malaise and Body-signifier. Finally, the question: “whose body is it?”.

Keywords: body; malaise; body-signifier.

INTRODUÇÃO

A ideia de corpo, em psicanálise, permeia a teoria do sujeito. Não há um sem o outro. O ensino lacaniano não se refere ao orgânico, mas àquilo dentro das dimensões do Imaginário, do Real e do Simbólico. Neste artigo, o corpo aparece como tecido (verbo) a partir de realidades sócio-histórico-cultural, con-

siderado no contexto do mal-estar humano, propondo-se alguma forma de sua reelaboração. Trabalharemos, primeiro, a *Construção histórica, sociocultural e psicanalítica do corpo*; depois, *Mal-estar humano*; por último, *Corpo-significante*. Consideramos, no final, a dupla questão: “de quem é o corpo?”, “de onde ele vem?”

CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE CORPO: HISTÓRICA, SOCIOCULTURAL E PSICANALÍTICA

A natureza do corpo tem se construído a partir do processo civilizatório, conforme o sentido vigente em cada época. Na Grécia Antiga, o cidadão tinha por dever cuidar dele; sua beleza indicava saúde, capacidade atlética, fertilidade e intelecto brilhante. No Cristianismo e Idade Média, esse corpo passa a ser invólucro da alma, fonte de pecado na relação com o prazer; sua exposição proibida até na intimidade de casais. A alma era cuidada em detrimento dele, prevalecendo acima dos desejos e prazeres da carne. Na época Moderna, um novo corpo; instável pelo desejo de liberdade e vanta-

de de se mostrar ao mundo; também esquadrihado pela ciência. O advento do sistema capitalista oprime o corpo, manipulando-o; seus movimentos são disciplinados, fonte de energia a ser controlada: saúde para melhor produção, beleza em prol do consumo.

Ressaltamos que a história do corpo é permeada por processos estigmatizantes. Na Grécia, prazer e beleza só para os homens livres, escravos e mulheres não; no capitalismo, exclusão dos que não espelham o ideal de consumo. O corpo negro, por exemplo, é “incluído” como belo na medida em que consome e faz consumir, a exemplo de determinadas mensagens publicitárias na atualidade.

A contemporaneidade produz sofisticadas formas de consumação: corpos expostos na mídia, malhados, magros, sedutores; corpos de programas de tv, vendidos; corpos oferecidos como objetos. Muitas vezes domesticados: a utilidade acima de tudo, sem o viés criativo e da reflexão; senti-lo, somente em função da performance. O resultado justifica os meios. Segundo Barbosa, Matos e Costa (2011), atualmente somos fígados nas “nossas carências mais profundas, como o medo da morte ou da velhice, que poderão ser, aparentemente, combatidos ou amenizados com produtos e técnicas estéticas. O que se vende é a possibilidade de se permanecer vivo e belo” (p. 29). Em nosso tempo, o corpo se caracteriza por fragmentação e apa-

rência, esta como negação à primeira. Mascará-lo, dizem as autoras, esconde o sofrimento, mas ressalta outros (p. 30).

Vemos, desse modo, que o sujeito da sociedade de consumo cria subterfúgios para lidar com a própria incompletude, crendo se completar. Ele pode adoecer e ser medicado, sua imagem “costurada”, inclusive cirurgicamente, e vendida nas redes sociais por preços superfaturados. Só assim a vida se torna bela, sem tristezas.

Na cultura capitalista a puberdade, por exemplo, é revestida por caprichos do mercado. Acontece guiada por ideias de sedução consumista tanto de produtos quanto de gozo, encantamento no atrair/ser atraído sexualmente. Por outro lado, para alguns povos esse período de transformação ainda é acompanhado por rituais históricos que significam preparativos de aprendizagem para ser adulto. No *Alto Xingu*, segundo Carelli (2021), quando a menina menstrua pela primeira vez é isolada dos olhares da comunidade, principalmente homens desconhecidos, e pode passar até um ano em reclusão. Nesse tempo é preparada, através do corpo, para tornar-se mu-

lher. Diz a autora: “essas meninas púberes em reclusão e aprendizado são o suprassumo do desejo masculino, personificação de um ideal de beleza imaculado” (p. 28).

O olhar psicanalítico, embora sem desconsiderar os modelos construídos historicamente, pensa o corpo na medida em que ele se constitui enquanto cruzado pela linguagem, desde o nascimento. Feito a partir do *Outro*, não se reduz a “carne e osso” nem à imagem e/ou consciência. Ele não é natural ou predominantemente biológico, mas sim do desejo. Lacan (1975/1985), no seminário 20, aponta essa peculiaridade constitutiva pela qual o corpo não é feito da linguagem, mas *a partir dela*, na representação desse Outro: “todas as necessidades do ser falante estão contaminadas pelo fato de estarem implicadas com *outra* satisfação” (p.70). Essa desnaturalização vem de longe: para os gregos, “radicalmente idealizado, produzido em função do seu aprimoramento, contrariamente a uma natureza, [...] um artifício a ser criado numa civilização” (Barbosa, Matos & Costa, 2011, p. 25). Desse modo, nosso corpo é imaginário, real e simbólico.

O corpo-imagem é pensado a partir do *Estádio do espelho*, afirma Lacan (1966/1998b), um momento de organização psíquica em função do domínio da unidade corporal na criança. A princípio despedaçado, o bebê não sabe que o pé é seu pé, assim como as mãos e outras partes que a ele pertencerão. É através

do espelho que a superfície corpórea é tomada pelo sujeito, sob um domínio imaginário, como totalidade. Esse *estádio* é o acontecimento fundante da imagem de si, quando o vivente se identifica como ser falante, transformando-se. Em outra obra, anterior, o ensino lacaniano havia se referido a esse acontecimento: “é a aventura original através da qual, pela primeira vez, o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo” (Lacan, 1975/2009, p. 109).

MAL-ESTAR HUMANO

O corpo não se reduz à perspectiva imaginária. Ele é imagem e superfície de gozo, portanto no campo do real e da energia psíquica cuja pulsão não pôde ser elaborada suficientemente. Assim, a configuração anatômica ressoa a energia psíquica, sendo impossível distinguir esta daquela, como afirmam Cukiert e Prizkulnik (2002, p. 144): “definido não como organismo, mas como pura energia psíquica, da qual o corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância”.

Enquanto abrigo dos afetos sem representação, efeito do processo civilizatório (recalque e suas consequências), o corpo é fonte de mal-estar humano. Freud (1926/1976) constatou que o sujeito, diante de situações pouco ou não suportáveis, é remetido ao desamparo inicial e respectiva experiência traumática, isto é, retorno da condição de total dependência do Outro. O mal-estar é inerente à condição do sujeito, marcado pela angústia primeira, à da castração: “a ansiedade é um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural do seu desamparo biológico” (p. 162). Em outro texto (Freud, 1930/1974, p. 167), ele observa que o preço da civilização é abster-se de prazeres e lidar com o sofrimento, fazendo referência a um dos efeitos dessa condição: “o maior problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização – isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua”.

O desamparo, para Laplanche e Pontalis (1967, p.157), é o sentimento de perda ou separação, aliado à angústia de impotência. O bebê se sente incapaz de sobreviver sem auxílio do Outro, porque é menos acabado em relação a outras espécies. No sujeito, a necessidade se liga à demanda de ser amado, cujo corpo, à sua revelia (forma inconsciente), reivindica algo que lhe falta. Assim, o corpo ao qual nos referimos é aquele que

“demanda justamente um signo de amor do Outro, um signo de resposta, um signo de presença” (Soller, 2019, p. 54).

A psicanalista Víctora (2016) ilustrou bem a ideia de desamparo. Ela visitou uma criança de dez meses numa clínica para bebês abandonados: apática, com graves problemas de saúde e histórico de hospitalismo. Passava todo o tempo deitada, o olhar perdido; não interagia. Resolveu brincar de “comer o pezinho” do menino. Primeiro ele se retraiu, virou as costas; “como eu insistia”, disse a pesquisadora, “começou a aceitar a brincadeira e, pouco a pouco, a me provocar”. Na semana seguinte, lá chegando, “ele imediatamente me ofereceu seu pé!” (p. 2).

O corpo demanda segundo as implicações psíquicas, ele é palco de *Outras* cenas, isto é, da trama inconsciente. Na medida em que não é possível a distinção entre o físico e o psíquico, também confunde-se quem afeta e quem é afetado. Conflitos antigos e de cada época, escondidos, são remediados por âncoras silenciadoras, tais como ação medicamentosa, práticas ou passatempos apaziguadores

de sofrimento cotidiano (bebida alcoólica, sono induzido, outras formas de entorpecimentos, etc.), até mesmo exercícios físicos “acadêmicos” com objetivo de gastar energia.

Seja como for, todo sintoma que não é possível ser falado, gritado, sentido ou, no mínimo, elaborado de alguma forma, o corpo se encarrega de formular o “pedido”, a seu modo. Quando ele adocece, ainda que não seja por afetação emocional, há sofrimento psíquico. E sendo de ordem psicossomática, pior ainda. Em todo caso, deveríamos perguntar: “o que quer/deseja esse corpo?”

CORPO-SIGNIFICANTE

O corpo não se reduz à imagem e ao gozo; ele é, também, corpo-significante. Contempla-se, assim, a tríade lacaniana do real-simbólico-imaginário: fluxo de afetos sem representação, construção psicológica da noção de si mesmo e efeito significante.

Além do outro imaginário, é preciso admitir o Outro simbólico. O lugar do sujeito já está marcado antes mesmo do nascimento, na medida em que ele foi falado pelo Outro. Cukiert & Prizskulnik (2002, p. 146) afirmam que a “alienação na imagem é substituída pela alienação estrutural ao Outro da cadeia significante, que é, na verdade, a primeira operação de causação do sujeito”.

Essas autoras apontam a pulsão escópica, isto é, o olhar do Outro como objeto perdido que marca: “na experiência do espelho, olhar é esse objeto que escapa do corpo do Outro materno que observa o sujeito diante do espelho em estado de jubilação” (p. 146). Trata-se de objeto inapreensível e que sustenta a experiência especular.

Em *Função e campo da fala e da linguagem*, Lacan (1966/1998a) faz referência à relação fala-linguagem-corpo. Ao falar, o sujeito produz significantes, e nessa medida a predominância biológica dá lugar à dimensão simbólica; há um domínio do significante. Não se pode conceber a ideia de corpo sem essa “tomada”, desde o princípio; diz-se, então, que a linguagem captura o organismo.

O significante está no campo da palavra. Ele é o que sobra do conceito, aquilo que surge além do que se quer dizer, um deslize do cálculo intencional. Está ligado à tensão, corporificando a experiência traumática; logo, o significante é corpo o qual ressoa impasses psíquicos desconhecidos: “as palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o su-

jeito; podem engravidar a histérica, identificar-se com o objeto do Penis-neid², representar a torrente de urina da ambição uretral, ou o excremento retido do gozo avarento” (Lacan, 1966/1998a, p. 302).

Linguagem, no contexto do ensino lacaniano, é a engrenagem que produz a cadeia significante; não se trata da linguagem dos linguistas. É através dela que o corpo vai sendo tecido e se constitui, desde os antepassados. Se no começo o bebê é pura excitação, na relação com o Outro se faz corpo: sujeito/corpo-falante.

O afeto, formado por estilhaços da experiência traumática, exige desfecho. Quando não representado, crava o corpo, cujas marcas atingem proporções inimagináveis. Um corpo que simplesmente anda, “balança”, vibra, tropeça, adoece e nega sua dor, encontra-se silenciado, não pertencendo ao sujeito. As marcas precisam ser faladas (dor, sofrimento); assim como há texto de palavras, o corpo pode escrevê-lo na medida em que os automatismos e movimentos consumatórios de energia se transformem em dizeres (Barbosa Neto, 2021) – corpo falado, próprio.

O ensino lacaniano, segundo a escrita de Soler (2019), mostra que o sujeito tem um corpo, ele não é seu corpo; ambos não se identificam, cuja relação é sempre conflituosa. Tal estranhamento é evidente, inclusive, pela expressão dos escritores criativos, a exemplo de Rosa (2001) em seu conto *O espelho*. A princípio o personagem se estranha, pavorosamente, com sua própria imagem refletida; é somente pelo percurso imaginário (ou trabalho “psíquico”, pela palavra) que se dá o reconhecimento de si.

O corpo visto pela Psicanálise, portanto, além de não se reduzir àquele de carne e osso, também está no campo do simbólico, corpo-significante. Nasio (1993), por exemplo, em poucas palavras, ilustra bem esse corpo, cujos significantes falam entre si: “quando um rosto suscita um sentimen-

2 _____
Sensação de um defeito que ocorre nas meninas após a descoberta da diferença de gênero pela ausência do pênis.

to, ele é um corpo-imagem; mas, quando o mesmo rosto desperta um *dizer imprevisto*, ele é um corpo-significante” (p. 149). Isso nos remete ao corpo da atualidade na medida em que lhe falta a escuta significativa, cujo desejo é desconsiderado. Dão-se ouvidos ao barulho das academias de ginástica e prescrições de tratamento domesticadores (movimento exterior ao sujeito, mantendo-o passivo do ponto de vista da palavra), programados massivamente à custa de técnicas, medicamentos e outras regras, em função de resultados objetivos. Por outro lado, o corpo escutado no seu movimento ativo e nutrido pelo desejo, pode conduzir o sujeito ao domínio da experiência traumática, tal a ideia freudiana de “*fort-da*” (Freud, 1920/1976).

A partir do *Seminário 3* de Lacan (1981/1988), podemos dizer que o corpo-significante é aquele que submerge e aparece à superfície, numa alternância simbólico-real, sem exclusão do imaginário. Isto é, esse corpo é elucidado e enigmático, ao mesmo tempo, mediado pelo imaginário, cujo embaite do sujeito – com ele próprio – faz escapar dizeres (significantes) os quais conduzem a certas verdades desconhecidas. Portanto, o corpo-significante não significa nada e, ao mesmo tempo, “é capaz de dar a todo momento significações diversas” (p. 217).

Todo corpo é significativo, de alguma forma; não se reduz àquele do consumo nem à superfície física. Estamos nos referindo ao

corpo implicado no trabalho psíquico, cujos efeitos desse processo incluem desconforto e até aspectos ignorados pelo próprio sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo-imagem precisa ser elevado à dignidade de corpo-significante, aquele que, pela via da palavra, insiste na significantização. Fora disso, reduz-se à substância gozante.

Há corpos negligenciados, inertes do ponto de vista do recalque. Outros exaltados pela domesticação vigente: exercícios exaustivos e/ou técnicas balizantes em função do gozo consumista. Esquecidos ou vigorosos fisicamente, são corpos silenciados, passivos; desvinculados do psíquico, negados enquanto corpo-próprio.

Falta a eles uma escuta qualificada. Somente assim o sujeito, pela palavra, adquire certo domínio sobre a experiência traumática, cujo corpo ao invés de apenas “ser falado”, pode “falar” (produção de sentido pela significantização). A *perlaboração* (termo encontrado, por exemplo, em Bernardes, 2003) faz referência ao trabalho psíquico-

co frente à resistência: “uma maneira de lidar com esse real que se apresenta na experiência de análise” (p. 59), esforço em dizer o impossível de ser dito. Pensamos ser isso uma forma de arte, também técnica possível à nomeação das marcas sulcadas pela experiência traumática. Há que se insistir em algum dizer sobre o corpo, similar, talvez, às primeiras palavras da menina Helen Keller, cega e surda, diante da sua professora, na versão cinematográfica do diretor americano Penn (1962). Enquanto não é possível dizer o que precisa ser dito, ela/corpo é impelida à destruição, mas a partir do momento em que a palavra brota, esse mesmo corpo volta-se às relações com os outros e elaboração de si mesma. Que haja algum esforço, cujo corpo possibilite *sentido*: sentir a dor/prazer na pele, produzir sentidos até se deprimir e se refazer, ressignificando a ponto de causar furo no real.

Esse corpo vem do Outro, como herança. Por isso a afirmação, a partir do ensino lacanianiano, de que o sujeito se encontra entre um significante e outro. O trabalho de apropriação, portanto, oscila entre o corpo que aparece no campo do sentido e aquele do sem-sentido. Ele é gozo e, ao mesmo tempo, aquilo que surpreendentemente (seja de modo intrigante ou jubiloso) se faz indicativo de descoberta como superação do mal-estar. O artigo clínico *Corpo Cuidado, esquecido e simbólico* (Barbosa Neto & Rocha, 2013) ilustra essa ideia, cujas três palavras do título caracterizam o corpo-significante: malhado, recalçado e falado.

É uma questão de pertencimento, o que implica responsabilidade pelo que se tem – um corpo. Há que se tê-lo, adquirir domínio sobre ele: retomar, de modo ativo, a experiência traumática vivida passivamente – como dito acima. O sujeito tem o direito de ter o próprio corpo, viver a própria vida. Isto é, apropriar-se do que lhe foi legado, reinventando-o. Se a linguagem (significante) fabrica o corpo, o sujeito toma-o para si na medida em que o reconhece, legitimando a marca do Outro.

“Aquilo que herdastes, adquiere-o para poder possuí-lo”

(Johann Goethe – parte I da 1ª cena de o *Fausto*)

REFERÊNCIAS

- Barbosa, Maria Raquel; Matos, Paula M. & Costa, Maria Emília (2011). Um olhar sobre o corpo: ontem e hoje. *Psicologia & sociedade*; 23(1), pp. 24-34.
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tz-vSyMpqfWjz/?lang=pt>

Barbosa Neto, Esperidião (2021). Texto das palavras e texto dos corpos (Peçasamba). *Revista Polis e Psique*, 11(1), pp. 82-99. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v11n1/v11n1a06.pdf>

Barbosa Neto, Esperidião & Rocha, Zeferino (2013). Corpo cuidado, esquecido e simbólico. *Revista SBPH*, 16(2), pp.07-24. Disponível em: <https://revista.sbph.org.br/revista/article/view/323>

Bernardes, Angela C. (2003). *Tratar o impossível: a função da fala na psicanálise*. Rio de Janeiro: Gramond.

Carelli, Rita. (2021). *Terrapreta*. São Paulo: Editora 34.

Cukiert, Michele & Prizskulnik, Léia (2002). Considerações sobre o eu e o corpo em Lacan, *Estudos de Psicologia*, 7(1), pp. 143-149.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/B6bDhRYBMtzmhTs6m4tW4rd/?lang=pt>

Freud, Sigmund (1976). Além do princípio do prazer. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 18, pp. 13-85. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, Sigmund (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 20, pp. 95-201. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).

Freud, Sigmund (1974). O mal-estar na civilização. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 21, pp. 75-171. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

Lacan, Jacques (1985). *O seminário: Livro 20 - Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).

Lacan, Jacques (1988). *O seminário, Livro 3 - As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1981).

Lacan, Jacques (1998a). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 238-324. (Trabalho original publicado em 1966).

Lacan, Jacques (1998b). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 96-103. (Trabalho original publicado em 1966).

https://apoa.org.br/correio/edicao/253/corpo_real_corpo_simbolico_corpo_imaginario/295

Lacan, Jacques (2009). Livro 1: *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975).

Laplanche, Jean & Pontalis, Jean-Bertrand (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Nasio, Juan-David (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Penn, Arthur (1962). *O milagre de Anne Sullivan*. Playfilm Productions.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fd4CvdZXRxc>

Rosa, João G. (2001). *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Soler, Colette (2019). *O em-corpo do sujeito*. Salvador: Ágalma.

Victoria, Ligia G. (2016). Corpo real, corpo simbólico, corpo imaginário. *Publié sur EPHEP* (<https://ephep.com>), pp. 01-11.
Disponível em:

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2023
Publicado originalmente em novembro
de 2023 em www.gpal.com.br



